

Ações navais para o combate da ilha da Redenção

*Luiz Augusto Rocha do Nascimento**

Introdução

O início do ano de 1866 encontrou a baía do rio da Prata bem diferente de um ano antes. A ofensiva do presidente López se frustrou. Os revezes em Corrientes fizeram-no determinar a volta de seu exército para o Paraguai. A perda de tropas bem treinadas na rendição em Uruguaiana determinou que passasse à defensiva. Manteve, apenas, tropas no Mato Grosso, província brasileira. Perdeu a surpresa, a iniciativa e parte considerável de suas forças.

A importância das vias fluviais foi uma marca da Campanha. Nesse ponto, ao se preparar para entrar no território paraguaio, os países aliados depararam com um obstáculo de vulto no teatro de operações. A travessia do rio Paraná, frente ao Passo da Pátria, tornou-se uma operação de vulto, jamais realizada na América do Sul. Impunha uma preparação detalhada e um aporte de meios jamais experimentados pelos países que participaram daquela travessia.

Este trabalho teve por objetivo apresentar aspectos navais que influíram nas operações dos exércitos aliados na invasão do Paraguai. A invasão precisou obrigatoriamente da Marinha, particularmente da brasileira, e de outros apoios de infraestrutura necessários para essa operação.

O trabalho apresentou, também, ações ligadas às reações de López, presidente paraguaio, e as ações da tomada da ilha da Redenção.

A força naval brasileira foi muito criticada pela sua inércia durante o período que se seguiu ao combate do Riachuelo. Os paraguaios retraíram de Corrientes para seu território próximo de onde se encontrava a nossa esquadra. É fato que o policiamento da importante via fluvial do Paraná era de sua responsabilidade. O próprio Thompson escreve em seu livro que isso é o que o império deveria ter feito¹. Porém, isso não era fácil de ser feito.

Em primeiro lugar, os paraguaios atravessaram o rio em canoas pequenas. Eles também estavam acobertados pelo manto escuro da noite. Depois, não esqueçamos que a responsabilidade de evitar o movimento das tropas paraguaias também era da força terrestre aliada, não da Marinha brasileira. A guerra estava em território argentino. Portanto, conforme firmado no Tratado da Tríplice Aliança, cabia ao presidente argentino, Bartolomeu Mitre enviar tropas a tempo de evitar que os paraguaios repassassem ao seu território.

Outra consideração a favor de Barroso era que ele contava com apenas dez embarcações, conforme se vê a seguir:

* Cel Cav (AMAN/87), mestre em Operações Militares (EsAO/95), bacharel em Arquivologia (UnB/01), pós-graduado em História Militar (UNISUL/13), licenciado em História (UNOPAR/16), pesquisador associado do CEPHiMEX e professor do Colégio Militar de Brasília.

- Aptas ao combate: Araguari, Beberibe, Ipiranga, Itajaí, Magé e Mearim.
- Inaptas ao combate:
 - Amazonas – não podia ultrapassar Corrientes
 - Belmonte – problemas com o casco e as caldeiras
 - Igurei – destinada ao transporte de víveres
 - Ivai – obsoleta e danificada

Barroso completava sua força com um pequeno vapor argentino sem serventia. Portanto, Barroso só poderia utilizar as seis canhoneiras em estado de navegar para cobrir sessenta léguas do Alto Paraná, via fluvial cheia de ilhas e bancos de areia, e, ainda por cima, sem possuir nenhuma carta hidrográfica e nenhum práctico para guiar a navegação de suas canhoneiras.

O Chefe Barroso não arriscou os meios navais de que dispunha subindo o rio Paraná para reconhecê-lo. Também não fez frente às inúmeras incursões paraguaias sobre o solo argentino. Prudentemente, guardou o que tinha para apoiar a travessia, ação lógica que se fazia após o retraimento paraguaio para dentro de seu país. Os paraguaios atravessaram de retorno ao seu território no Passo da Pátria. Os aliados, poucos meses depois, utilizariam o mesmo local para realizar a invasão do país de López.

Apesar disso, a presença do chefe brasileiro nas Três Bocas dissuadiu os paraguaios de descer o rio Paraná. Com a Marinha de López arruinada após Riachuelo, as tentativas do marechal de se opor à esquadra dos aliados se faziam apenas por meio de fogo de terra e do ataque das chatas. A vitória no Riachuelo transformou os aliados nos donos das vias fluviais. Esse domínio pautou o plano de invasão do território paraguaio.

O barão de Porto Alegre, no dia 11 de março de 1866, tendo por objetivo dividir as forças de López, conduzindo nove mil e trezentos soldados das três armas² (Infantaria, Cavalaria e Artilharia), cruzou o rio Uruguai por São Borja e entrou em território argentino. Chegou a Santo Tomé em 15 de abril de 1866 e depois foi para San José, cidade que fica em frente à Villa de Encarnación (Itapua), do outro lado do rio Paraná.

Porto Alegre conduziu a força do Rio Grande do Sul para Candelária para cruzar o rio Paraná. López mandou o então major Nuñez com três mil homens e doze canhões para fazer-lhe frente. No entanto, Porto Alegre não atravessou o rio, mas o beirou para atravessá-lo pouco acima do Passo da Pátria. Essa travessia também não aconteceu, e essa tropa se juntou aos aliados em Corrientes³. Frustravam-se outras oportunidades de travessia do rio e se consolidava o Passo da Pátria⁴.

Os Aliados continuavam sem contar com uma infraestrutura adequada para penetrar no território paraguaio. Ela teve sua construção passo a passo em Corrientes. Atravessar o rio com quarenta mil homens e progredir por um terreno desconhecido necessitava de uma preparação detalhada. Felizmente os aliados contavam com a Marinha brasileira. Porém, necessitava-se de construir as embarcações faltantes e evitar que a operação de travessia se transformasse em um desastre⁵.

Situação na confluência do rio Paraná com o rio Paraguai

No dia 25 de novembro de 1865, López deixou Humaitá e foi para o Passo da Pátria, entrando no comando pessoal do exército pa-

raguaio, estabelecendo-se em um campo entrincheirado, planejado pelo tenente-coronel de Engenheiros britânico George Thompson. López estava de posse de sessenta e seis canhões e contava com trinta mil homens. É o que Thompson atestou:

el crea tan difícil, hasta el punto de tener la firme creencia que jamás lo ejecutarían con éxito sus adversários, y ala verdade, operaciones de esta índole están escritas com letras de oro em las páginas selectas que no han dejado los grandes capitanes^h (N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

As campanhas de Corrientes, no norte da Argentina, e do Rio Grande do Sul, no Brasil, deixaram uma forte impressão positiva nas forças aliadas. O marechal López, presidente paraguaio, não obteve o sucesso que desejava ao invadir as duas províncias. Portanto, o marechal se viu na iminência de ter o seu território invadido pelos Aliados.

As perdas humanas da força terrestre paraguaia, até 30 de abril de 1866, alcançaram os seguintes patamares:

- Oficiais: 39 mortos; 119 feridos; e 15 extraviados, totalizando 173 baixas
- Praças: 680 mortos; 1554 feridos; e 174 extraviados, totalizando 2408 baixas

Na mesma época, a esquadra guarani perdeu 5 vapores e 10 chatas, enquanto que o exército teve capturadas 42 peças de artilharia e 18 pavilhões nacionais.

As forças aliadas se concentraram em Corrientes, em frente ao Passo da Pátria (Figura 1). Os aliados investiram tempo nos preparativos da travessia. Eles precisavam de



Figura 1 – Província argentina de Corrientes
Fonte: www.nordestealdia.com

meios necessários para invadir o Paraguai na presença de seus ferrenhos defensores. Essa empresa necessitava de planejamento detalhado. Para tanto os meios foram carreados para a capital Correntina. Ao mesmo tempo, era vital o patrulhamento do rio tendo em vista tanto o fogo que vinha do Forte Itapiru quanto dos ataques perpetrados pelas chatas paraguaias.

O acampamento entrincheirado do Passo da Pátria circundava a localidade do mesmo nome. Estava apoiado nas lagunas Si-



Figura 2 – Teatro de operações em frente ao Passo da Pátria

Fonte: www.dec.eb.mil.br

rena (a Oeste) e Panambi⁷ (a Leste). Possuía trincheiras de trinta metros de largura e um metro e oitenta centímetros de profundidade. Porém, a posição era sensível aos canhões da esquadra (**Figura 2**).

O local escolhido para o desembarque apresentava indiscutíveis vantagens para os atacantes. O desdobramento paraguaio ao longo do rio Paraná não permitia uma oposição mais enérgica em face da estreita frente que se desdobrava, limitada pelos rios e lagoas, além do fogo naval que receberia.

Todo o terreno, com raras exceções, era alagadiço e sujeito às inundações dos rios que os balizavam. Pode-se dizer que constituía um imenso carriçal, que se unia à Lagoa Piris e ao Estero Bellaco, em cujas imediações se encontravam pântanos, lagoas, bosques espessos. Só quando o nível dos rios baixava é que se podia transitar pelos caminhos que se fizeram dentro desses grandes charcos.

O terreno denominado de Confluência era uma península formada pelo rio Paraguai e o Alto Paraná. No extremo sul da Confluência, formava-se um ângulo quase reto, no qual, em um dos lados (Leste), estava o forte Itapiru, e a Oeste estava o local do desembarque aliado. Esse ponto proporcionava a vantagem de que os canais dos rios permitiam a navegação dos buques e da esquadra brasileira. Disse Thompson:

Itapirú⁸ que los aliados honraban con el nombre de fortaleza y que consideraban necesario demoler hasta la base antes de pasar el río, era una antigua batería construída á principios del reinado de López I, en una punta de tierra que entraba en el río Paraná, y que tenia por base un montón de rocas volcánicas. La tierra era revestida por una pared de ladrillo, que habia caida

por uno de sus lados. Su armamento consistía en una pieza rayada de á 12. Tenia 30 pies de diámetro en su parte mas ancha y su altura sobre el nivel del agua era de 20 pies. Si hubiera estado armada de artillería pesada de grueso cabbre, tal vez hubiera sido útil; pero en el estado en que estaba, solo servia de espantajo á los aliados.⁹

(N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

López estabeleceu um sistema de comunicação entre Itapiru e as baterias de Humaitá por intermédio de um sistema de bandeirolas. Postou sentinelas em distâncias determinadas para que mantivessem uma observação constante sobre os movimentos da esquadra e informassem os menores detalhes observados. À frente de Itapiru, havia um banco de areia. Este foi chamado de ilha da Redenção por Villagran Cabrita, comandante do Batalhão de Engenheiros¹⁰.

En frente de Itapirú habia un banco de arenas de reciente formación, que en Noviembre del año anterior carecia enteramente de vejetacion, pero que ahora estaba cubierto de altas yerbas. Esta isla estaba situada á tiro de rifle de Itapirú.¹¹

(N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

O acesso da ilha onde se localizava o forte de Itapiru até o Passo da Pátria, no lado paraguaio do rio Paraná, se dava por meio de dois pontos, ambos construídos a mando de López para retirar a sua artilharia do forte. O caminho se estendia por cerca de dois quilômetros e era cortado pelo arroio Carayá¹², que possuía cerca de um metro e meio de profundidade. O presidente López determinou a construção de uma ponte com a finali-

dade de se transpor o curso d'água existente nesse ponto do rio¹³.

El río Paraná era profundo por todas partes, excepto en un lugar frente á la isla *Carayá* situada en el canal Norte, en donde solo había 12 pies de agua; López hizo sumerjir dos canoas llenas de piedras para cortar la entrada del canal interior. En este canal habían dos chatas armadas cada una con un cañón de 8 pulgadas, y también el vapor «Guaaleguay» mandado por el teniente López y armado con 2 cañones de á 12.¹⁴ (N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

A distância do rio Paraguai ao acampamento de Passo da Pátria era de oito quilômetros, margeando a costa. No tocante ao rio Paraná, sua maior largura nos pontos de acesso ao Passo da Pátria era de três quilômetros e oitocentos metros. Frente a Itapiru, a largura cai para dois quilômetros e quatrocentos metros¹⁵.

Preparativos dos Aliados para a Invasão do Paraguai

O generalíssimo Mitre, presidente argentino, e o general Osorio, comandante do exército brasileiro, acreditavam que a travessia do rio Paraná deveria ser feita pela localidade do Itati para evitar a fortaleza de Humaitá e o terreno difícil compreendido entre esse reduto e o Passo da Pátria. O presidente argentino tinha informes que o faziam crer que esse ponto era adequado para penetrar no território inimigo. Esse pensamento se mostrou válido, e as forças aliadas tiveram grande dificuldade de transpor o caminho do Passo da Pátria a Assunção.

Outra opção aventada era Carucatí, na margem do rio Paraguai e distante uma légua e meia ao sul do baluarte inimigo. O objetivo era evitar o estero Rojas. Posteriormente se verificou que esse ponto apresentava muitas dificuldades, e essa opção foi descartada. O almirante Tamandaré sustentou as vantagens de que as tropas passassem o rio pelo Passo da Pátria. Sustentava essa via em razão de quê, por aí, os aliados contariam com o apoio da esquadra¹⁶.

O tenente-coronel Thompson, engenheiro-chefe do presidente López, escreveu para o marechal, em março de 1866, e relatou para ele a presença da esquadra aliada, a qual se preparava para a futura travessia:

El 21 de Marzo de 1866, la escuadra brasilera calentó las calderas, partió de Corrientes, y fondeó en línea de batalla desde Corrales hasta la embocadura del río Paraguay. Constaba de 18 cañoneras á vapor, armadas con 6 ú 8 cañones cada una, y cuatro encorazados, tres de los cuales tenían casamatas altas, y uno de ellos, el *Bahía*, era um monitor de torre jiratoria, con dos cañones Whitworth de 150. El total de cañones de la escuadra llegaba á 125. Al mismo tiempo dos de los vapores y el encorzado *Tamandaré* siguieron el río aguas arriba explorándolo hasta Itatí. El *Tamandaré* varó, pero fué "puesto á flote por los otros vapores, volviendo entonces á reunirse con la escuadra."¹⁷

(N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

A esquadra, sob o comando de Tamandaré, se subdividia em três divisões: a 1ª Divisão, sob o comando do capitão de mar e guerra (CMG) Elisiário Antônio dos Santos (Figura 3); a 2ª Divisão, comandada pelo CMG José Maria Rodrigues; e a 3ª Divisão,

sob o comando do CMG Francisco Cordeiro Torres e Alvim. Tamandaré colocou seu pavilhão de comando no Apa e colocou Barroso como seu chefe de estado-maior¹⁸.

Tamandaré utilizou a 2ª Divisão para bloquear a foz do rio Paraguai, na sua confluência com o rio Paraná. Seguiram-se a 1ª Divisão e a 3ª Divisão, desdobradas em linha desde as Três Bocas até a altura do forte Itapiru. Assim, conforme escreveu, Tamandaré interceptou, segundo seu julgamento, as comunicações paraguaias com os dois rios, diminuindo os recursos que López tinha anteriormente para hostilizar os aliados¹⁹.

Reconhecimento Hidrográfico do rio Paraná

O tenente-coronel Carvalho já escrevera a Osorio, enquanto este ainda se deslocava em marcha para Corrientes, mencionando aspectos a observar na escolha de um local para a travessia do rio Paraná. Ele percebeu, no seu reconhecimento, que existiam melhores condições de travessia na altura da ilha onde se apoiava o forte Itapiru, além de o rio ser menos largo nesse trecho. Também informou que havia condições melhores de desembarque nas suas margens, pouca largura dos rios, bons caminhos e locais de acampamento²⁰.

A observação da margem paraguaia do rio Paraná, vista da margem argentina, colocava claramente as ilhas da Redenção, de Itapiru, dos canais existentes e das condições das margens. León de Palleja, coronel do exército uruguaio, escreveu em seu diário os aspectos que o chefe de engenheiros de Osorio já contemplara em seu reconhecimento em fins de dezembro de 1865²¹.



Figura 3 – Elisiário Antônio dos Santos, 1º barão de Angra

Fonte: //geneall.net

O general Flores, no dia 27 de março de 1866, partiu com alguns navios argentinos e um brasileiro para reconhecer a área do povoado de Itati. Verificou que o terreno não era bom para o desembarque devido aos inconvenientes que ele apresentava: alagadiço e encharcado. Essa era a forma como o terreno se apresentava nas áreas de grandes esteros do Nembucu. Posteriormente, em 5 de abril de 1866, o general Hornos subiu o rio apoiado numa força naval comandada pelo chefe Alvin e formada por embarcações brasileiras (Itajaí, Henrique Martins e Greenhalg) e os vapores argentinos Chacabuco e Buenos Aires²².

O general Flores, comandante do exército uruguaio, desembarcou com alguma tropa para executar um reconhecimento mais amplo ao longo do rio Paraná até as proximidade de Itati. Essa esquadilha chegou até

um ponto denominado de Lengua Paso, situado após Itati. Nesse local, recebeu fogo das forças paraguaias ali situadas, respondendo imediatamente aos disparos. O general Hornos, ao regressar, registrou que havia alguns pontos onde era possível efetuar o desembarque²³.

Contudo, verificou que a tropa, quando progredisse para o interior do Paraguai, encontraria um terreno quase intransitável, principalmente banhado pelo estero Bellaco (ramificação do Nembucu). Apesar do fato de essas duas operações terem regressado com indicações negativas para proceder à travessia por esse povoado, Mitre resolveu proceder pessoalmente a um reconhecimento na região do Itati. Acompanhado, entre outros chefes, o ministro Otaviano²⁴.

O generalíssimo pretendia ver com seus próprios olhos a situação que se apresentava para decidir qual caminho tomar. Pretendia chegar a Assunção evitando as defesas paraguaias situadas em Humaitá, Tuiuti, Passo Pocu, Curupaiti, entre outras. A importante comitiva foi transportada no pequeno vapor Cisne, que, por possuir pouco calado, se prestava a navegar naquelas águas²⁵.

O capitão do vapor protestou por ter sido escalado para uma empresa tão arriscada e, para agravamento da situação, à luz do fogo paraguaio, disparado do forte de Itapiru. O capitão do Cisne alegou que seu contrato não incluía tarefas de guerra. O ministro brasileiro Francisco Otaviano disse, talvez, para ele que "não tenha cuidado, que os buracos serão tapados com pranchas de ouro"²⁶. A ação foi escoltada pelo Tamandaré, Beberibe e Henrique Martins²⁷.

Verificaram que os outros pontos possíveis eram impraticáveis e que a travessia só poderia ser realizada no Passo da Pátria. As águas não possuíam a profundidade necessária para

a esquadra, e o solo dificultava o movimento. A inexistência de cartas militares minuciosas sobre o interior do Paraguai também contribuiu para essa decisão. A junta de guerra reunida no dia 10 de abril de 1866 chegou a essa resolução. Mitre, a partir disso, escreveu seu plano de travessia.²⁸

Foram feitos alguns reconhecimentos sigilosos sobre o rio Paraguai mais acima da Confluência, um dos quais foi realizado por um engenheiro brasileiro, o tenente-coronel Carvalho, que também tinha recebido a comissão de executar outras explorações, além do preparo de material para a passagem, como pontes. Os hidrógrafos e práticos da esquadra brasileira haviam demonstrado, após detalhados levantamentos, a impossibilidade de se atravessar o rio Paraná por Itati²⁹.

Todas as decisões ocorreram após os resultados obtidos a partir das sondagens executadas pelos hidrógrafos e práticos da Marinha brasileira. Eles concluíram a impossibilidade de passar o Alto Paraná pela localidade de Itati. A essa conclusão se juntava o assessoramento do tenente-coronel Carvalho. Ele identificara dois pontos de passagem localizados entre Itapiru e a Confluência. Um desses pontos estava fora do alcance dos canhões do forte³⁰.

Ocupação da ilha de Redenção ou ilha do Cabrita

A redação do plano da operação de travessia do rio Paraná (**Figura 4**) ficou a cargo do general Mitre. Ficou conhecido como Passagem do Rio Paraná do dia 16 de abril de 1866. Garmendia o menciona por partes. A primeira é a que mais interessa para este trabalho. Ela mencionou que duas divisões da esquadra brasileira se colocaram à frente da ilha de Santana. A pri-

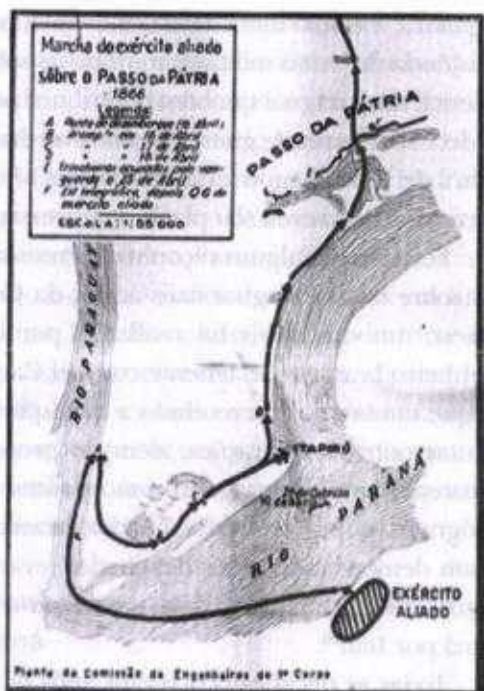


Figura 4 – Marcha do Exército Aliado sobre o Passo da Pátria

Fonte: FRAGOSO, 1957

meira se encarregou de bombardear o acampamento do Marechal López³¹.

A segunda Divisão, no plano de Mitre, se posicionou entre a ilha Cabrita e a costa paraguiaia. Ela recebeu a tarefa de atacar o forte Itaipuru. A segunda missão incluída no plano era a de metralhar as forças paraguaias que fossem por um caminho, nessa mesma costa, para proteger o forte e atacar a força que atacou Itaipuru. Essas ordens tinham a finalidade de fixar as forças paraguaias, fazendo-as crer que o desembarque se daria totalmente nesse ponto³².

Garmendia apresentou um resumo das suas observações sobre o plano de travessia, ressaltou a importância da presença da armada brasileira. Ele ressaltou que a passagem no Passo da Pátria proporcionou sempre uma

base de operações segura. Colocou que a Marinha brasileira se movimentou posteriormente pelo rio Paraguai sem nenhum perigo, acompanhando o exército aliado durante o seu avanço³³.

Garmendia também dedicou elogios a dois militares que cuidavam de preparativos da travessia. Primeiro, o major Roibon, o qual o autor cita que, à frente de sua Companhia de Sapadores, foi alvo de elogio do general Mitre. O outro era o nosso chefe da Comissão de Engenheiros, tenente-coronel Carvalho. Continuaram o trabalho de construção de docas para o embarque das tropas e do material das balsas e chatas para utilização da artilharia e dos cavalos³⁴.

Os reconhecimentos executados na ilha da Redenção, no dia 29 para 30 de março de 1866, precederam uma óbvia ocupação do local. Osório, portanto, decidiu por essa ocupação coordenando as ações com Tamandaré. Isso ocorreu na noite de 5 para 6 de abril de 1866³⁵. Logo, isso colocou os brasileiros na dianteira da operação. A grande travessia foi devidamente precedida por um ataque julgado inútil por Thompson. Porém, seu relato pontuava um imenso desdém pelas ações aliadas, particularmente das tropas brasileiras:

Em la noche del 5 de abril, los brasileiros ocuparon este banco, abriendo trincheras inmediatamente y colocando 8 cañones en batería, sostenidos por 2,000 hombres, que durante el día permanecían ocultos en sus trincheras. Desde esté banco mantenían un constante fuego de rifle y de cañón sobre Itaipurú, pero sin resultado alguno³⁶.
(N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

A operação se iniciou com dois vapores brasileiros e dois argentinos. Eles trans-

puseram duzentos homens do 3º Batalhão de Infantaria. Eles tinham duas missões. Primeira: realizar um reconhecimento do Alto Paraná até as proximidades de Itati. Segunda: distrair os paraguaios enquanto a força brasileira desembarcava na ilha da Redenção³⁷. A Comissão de Engenheiros possuía para seu transporte, além das canoas e chatas que construíram, os vapores General Osorio, Voluntários da Pátria, Duque de Saxe e Riachuelo³⁸.

As forças brasileiras que desembarcaram na ilha da Redenção eram comandadas pelo tenente-coronel Villagran Cabrita. Ele deixou provisoriamente o comando do Batalhão de Engenheiros³⁹. Contava com cerca de novecentos homens. Ao chegar, o tenente-coronel Carvalho e seus engenheiros militares iniciaram a organização de uma posição defensiva. Contou com o apoio dos seus ajudantes, André Rebouças e Sena Madureira⁴⁰.

A ilha da Redenção era, na verdade, um grande banco de areia. Ela possuía uma forma oval e se estendia paralelamente ao rio Paraná. Localizava-se mais próxima do território paraguaio do que do correntino (Argentina). A ilha se separa do território paraguaio por um canal muito largo e, como se verificou posteriormente, muito profundo. A ilha da Redenção ficava à distância de um tiro de carabina de Itapiru. López, ao perceber, com surpresa, a ocupação brasileira na manhã do dia 6 de abril de 1866, tratou de planejar sua retomada⁴¹.

Tamandaré apoiou a posição brasileira a partir de fogo de navios da sua esquadra. Eles colaboraram no ataque à

margem paraguaia, particularmente ao forte Itapiru. López fortaleceu seu poder de fogo, colocando mais duas peças de 68 no forte⁴². Centurión comentou que essas peças pertenceram ao Jequitinhonha (Yacuitinhonha). Esse navio participara da Batalha Naval do Riachuelo e causara "*considerables danos a la escuadra enemiga*"⁴³.

A esquadra brasileira continuou no seu apoio a essa operação. Os feridos no combate eram transportados, por meio de escaleres, para bordo do vapor Osorio. Esses feridos recebiam transporte para o hospital de sangue montado para essa operação. Esse hospital funcionava a bordo do vapor Duque de Saxe⁴⁴. O vapor Osorio passou, depois, a estabelecer o serviço de comunicação entre a guarnição que ocupou a ilha e o Exército⁴⁵.

López, após verificar a presença do pavilhão brasileiro tremulando na redenção, que o tenente-coronel Carvalho teve a honra de hastear, determinou um ataque à ilha da Redenção. Isso se deu no dia 10 de abril de 1866. Tentou retomar o banco de areia onde estavam os brasileiros. A força paraguaia, comandada pelo então coronel Diaz, embarcou em mais de trinta canoas para atravessar o canal entre as ilhas⁴⁶.

Thompson descreveu assim a luta:

El 10 de Abril fueron atacados por los paraguayos. El general Diaz (entonces coronel) dirijia el ataque desde Itapirú donde permaneció con uno reserva de 400 hombres. Mandó dos divisiones de 400 soldados cada una, embarcados en canoas, los que llegaron al banco á las cuatro de la mañana. La noche era oscurísima y no fueron sentidos hasta que desembarcaron. Los paraguayos hicieron una descarga y

en seguida cargaron al enemigo, tomando parte de las trincheras después de ser re- pebdos varias veces. La artillería brasilera mantuvo un fuego tremendo con balas encadenadas, que ocasionó serias pérdidas á los paraguayos. Entre los asaltantes, habia 200 hombres de caballería desmontados armados de sables, su arma favorita, los que hicieron una verdadera carnicería. La artillería fué tomada y recuperada varias veces, tan luego como el fuego fué sentido, cinco cañoneras y tres encorazados rodearon la isla y se enviaron numerosos refuerzos á la guarnición. Por último, casi todos los paraguayos estaban fuera de combate y los que podían moverse se retiraron á sus canoas sin que hubiera entre ellos un solo hombre sano; los que tenían heridas las piernas se sentaban y remaban, y los que habían perdido un brazo, remaban con el otro. Era ya de día y los paraguayos tenían que navegar contra una fuerte corriente, espuestos á un terrible fuego á quema-ropa de metralla y balas encadenadas; sin embargo 15 canoas llenas de hombres lograron llegar á tierra. Los paraguayos tuvieron 14 oficiales muertos y 7 heridos. Lograron escapar 300 soldados heridos, pero quedaron en el banco 500 muertos, heridos y prisioneros. Entre los prisioneros se encontraba el teniente Romero jefe de una de las divisiones, y por consiguiente, su esposa se vio obbgada á publicar una carta en el Semanario, desconociéndole por traidor. Los brasileros perdieron como mil hombres entre muertos y heridos.

Como siempre, el fuego de sus mismos vapores les causó gran parte del estrago. Seis soldados brasileros fueron fusilados por cobardes.

Al otro día de la ocupación del banco por los brasileros, López hizo montar en Itapirú un cañón de 8 pulgadas, y en seguida otro, algunos días después.

Mientras el jefe del banco escribía el parte de la acción, estando á su lado un coronel y un oficial, una bala de 68, lanzada desde

Itapirú, los mató á los tres. El mismo día, el «Fidelis» lancha á vapor brasilera, fué echada á fondo por una bala, y el «Enrique Martins» fué atravesado por dos balas abajo de su línea de agua, teniendo que embicar para salvarse. Otra bala de Itapirú, partió una pieza rayada de 32 de las baterías del banco.

Los aliados no ganaban absolutamente nada con la ocupación del banco y de parte de López fué una verdadera locura mandar sus hombres á una muerte segura. Aunque hubiera tomado este banco, no le habría sido útil para nada y en poder de los aliados no le causaba perjuicio. El 6 de Abril el general Hornos con 6 vapores, subió el río Paraná, con el objeto de examinar un passo en frente de Itatí (1) de donde desalojó una guardia de 12 hombres. Mientras estaba aUí, López mandó al mayor Godoy con seis piezas de artillería y 200 hombres á la isla de «Carayá» para esperarle á la vuelta, en que con gran sorpresa de los vapores les hicieron desde el bosque fuego de artillería é infantería. Cuando pasaron Godoy volvió con su fuerza al Paso de la Patria.

El efecto de los anteriores y repetidos malones sobre Corrientes, y de los combates del Gualaguay y las chatas, inspiraron á los paraguayos una gran confianza, y la plena esperanza de vencer á los aliados⁴⁷.

(N. da R.: O texto original foi preservado pelo autor.)

Os três navios brasileiros investiram sobre o canal onde estavam as canoas paraguayas e as colocam no fundo do canal. A canhoneira Henrique Martins se acercou da margem do rio e atacou as baterias paraguayas que estavam ali. O combate foi violento. A canhoneira investiu sobre os inimigos postados na margem e conseguiu neutralizá-los. Porém, o combate deixou a canhoneira muito avariada. Ela necessitou ser encalhada para não ir para o fundo do rio⁴⁸.

O final do combate de 10 de abril de 1866 teve um desfecho trágico para os brasileiros. Villagran Cabrita estava no vapor Coronel Fidelis quando recebeu um impacto de um tiro de 68 originado de Itapiru.⁴⁹ Cabrita fora instrutor no Paraguai antes da guerra. Instruía muitos dos oficiais que combateu. Bruguez, um deles, seria o apontador do canhão cujo tiro matou Villagran. Servia na Escola Militar e comandava muitos de seus ex-instruendos⁵⁰.

Dionísio Cerqueira assistiu ao combate da margem do rio Paraná. Contou em seu relato que viu a Henrique Martins se deslocando e combatendo os paraguaios. Relatou que fora instruído por Villagran e Carvalho na Escola Central. Narrou o fogo vivo do combate e destacou a morte de Cabrita e dos militares que estavam junto a ele. Cerqueira narrou sua volta ao local, trinta e sete anos depois. O rio Paraná tragara a ilha onde os combates ocorreram⁵¹. Seu corpo foi repousar na Argentina, enterrado na margem do rio Paraná⁵².

Considerações Finais

A entrada das tropas aliadas no território paraguaio se deu com grande utilização de meios de transporte fluviais. Esse apoio se originou não só da esquadra, mas também da estrutura montada pela Comissão de Engenheiros. A condução dos trabalhos pelo seu chefe, tenente-coronel Car-

valho, foi fundamental para o início das operações da travessia. O sucesso é fruto de um minucioso reconhecimento e uma detalhada preparação de meios.

O combate na ilha da Redenção se deu após a reunião adequada dos meios e o aporte da esquadra para o transporte e o desembarque das tropas no banco de areia. Villagran Cabrita deveu parte do sucesso à preparação realizada. López, apesar de conhecer muito bem a região, além de contar com bravos paraguaios para combater os brasileiros, não conseguiu opor-se ao ataque desfechado pelos brasileiros.

As comemorações da vitória brasileira na ilha da Redenção, cento e cinquenta anos depois do evento, marcaram não apenas a coragem dos soldados brasileiros, mas também os trabalhos de preparação e reconhecimento das vias fluviais envolvidas na operação. O êxito brasileiro se ligou, intimamente, à minuciosa preparação dos meios de transposição fluvial e ao apoio imprescindível da esquadra.

A bandeira imperial tremulou na Redenção e seguiu em frente. Villagran, o mártir da Redenção, foi o prenúncio não só das agruras, mas também das glórias que vieram. Ao fundo, presente em toda a travessia do Passo da Pátria, a esquadra aliada, predominantemente brasileira, foi decisiva para o êxito da travessia. Glória para as forças armadas nacionais nas terras paraguaias. ■

Referências

CENTURION, Juan Crisostomo. *Memorias*. v. 2. Imprenta de Obras de J A Berra. Buenos Aires, 1894. Disponível em: <https://ia601408.us.archive.org/29/items/memoriasdelcoro01centgoog/memorias-delcoro01centgoog.pdf>

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870.** Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1980.

DUARTE, General Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai: o Comando de Osorio.** v.2. Tomo I. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1982.

FRAGOSO, General Tasso. **História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.** Biblioteca do Exército Editora. v. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1957.

GARMENDIA, José Ignacio. **Campana de Humaytá.** Casa Editora de Jacobo Pauser. 1ª Edición. Buenos Aires, 1901. Disponível em: <https://ia601405.us.archive.org/1/items/campaadehumayt00garmgoog/campaadehumayt00garmgoog.pdf>.

PALLEJA, León de. **Diário de La Campana de las Fuerzas Aliadas contra el Paraguay.** Biblioteca Artigas. Uruguai, 1960. Disponível em: <http://www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/65109/1/clasicos-uru-vol30.pdf>.

THOMPSON, Jorge. **La Guerra del Paraguay.** Imprensa Americana. Buenos Aires, 1869. Disponível em: http://www.portalguarani.com/614_george_thompson/22331_la_guerra_del_paraguay__tomo_primer_1910_jorge_thompson.html.

http://www.nordestealdia.com/noticias/corrientes/0000/00/actualidad/2012-12-11-energia_itati.php.

http://www.dec.eb.mil.br/historico/patronoEng/patrono_principal.html

<http://www.6becmb.eb.mil.br/becmb.htm>

<http://www.academia.org.br/academicos/francisco-otaviano/biografia>.

<http://geneall.net/pt/nome/202067/elisario-antonio-dos-santos-1-barao-de-angra/>

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ THOMPSON, 1869.

² doze mil homens e dezoito canhões raiados, segundo THOMPSON, 1869.

³ THOMPSON, 1869.

⁴ GARMENDIA, 1901.

⁵ FRAGOSO, 1957.

⁶ GARMENDIA, 1901, p.7.

⁷ Mariposa, em guarani.

⁸ Ita, piedra. Pirú, seca. – Piedra seca, conforme THOMPSON, 1869, p. 139.

⁹ THOMPSON, 1869, p. 139-140.

¹⁰ DUARTE, 1982, p. 180.

¹¹ THOMPSON, 1869, p. 142.

¹² Mono, conforme THOMPSON, 1869, p. 140.

¹³ GARMENDIA, 1901.

¹⁴ THOMPSON, 1869, p. 140.

¹⁵ GARMENDIA, 1901.

¹⁶ GARMENDIA, 1901.

¹⁷ THOMPSON, 1869, p. 138.

- 18 FRAGOSO, 1957.
19 Id. Ibid., p. 350.
20 Id. Ibid., p. 354.
21 PALLEJA, 1960.
22 GARMENDIA, 1901.
23 Id. Ibid.
24 Id. Ibid.
25 Id. Ibid.
26 traduzido de GARMENDIA, 1901, p. 16.
27 FRAGOSO, 1957.
28 GARMENDIA, 1901.
29 Id. Ibid.
30 Id. Ibid.
31 Id. Ibid.
32 Id. Ibid.
33 Id. Ibid.
34 Id. Ibid.
35 FRAGOSO, 1957, p. 363.
36 THOMPSON, 1869, p. 142.
37 DUARTE, 1982, p. 179-180.
38 Id. Ibid., p. 179.
39 Id. Ibid., 1982.
40 FRAGOSO, 1957, p. 363.
41 Id. Ibid., p. 364.
42 Id. Ibid., 1957, p. 367.
43 CENTURIÓN, 1894, p. 55.
44 DUARTE, 1982, p. 180.
45 Id. Ibid., p. 181.
46 CENTURIÓN, 1894, p. 56.
47 THOMPSON, 1869, p.
48 FRAGOSO, 1957, p. 367-368.
49 CENTURIÓN, 1894, p. 61.
50 FRAGOSO, 1957, p. 368.
51 CERQUEIRA, 1980, p. 113-119.
52 DUARTE, 1982, p. 191.